



Os conceitos de realidade de Kossoy à prática fotográfica ¹

Rafael de Castro SALVADOR²

Alexandre Huady Torres GUIMARÃES³

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

RESUMO

A finalidade desse trabalho é aplicar os conceitos de primeira e segunda realidade de Boris Kossoy na prática e demonstrar a distância entre a realidade do assunto fotografado e o público, que por sua vez tem contato somente com a representação do real, a fotografia em si. Para este fim, foram selecionadas cinco fotografias de Jean Solari à época em que este trabalhava para a revista *Realidade*.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia, Fotojornalismo, Realidade fotográfica.

Introdução

A imagem, seja estática ou em movimento, fictícia ou real, é largamente utilizada por vários dos meios de comunicação de massa. Os ícones criados por elas têm forte apelo e são facilmente assimilados por todos que os vêem. Com as tecnologias de impressão de imagens em larga escala o jornalismo logo achou na fotografia um meio de ilustrar suas matérias e aproximar os leitores da realidade.

A fotografia tem sido aceita e utilizada como prova definitiva ‘testemunho da verdade’ do fato ou dos fatos. Graças a sua natureza físico-química – e hoje eletrônica – de registrar aspectos (selecionados) do real, tal como esses de fato se parecem, a fotografia ganhou elevado status de credibilidade. (KOSSOY, 1999, p.19)

¹ Trabalho apresentado no GT – Audiovisual, do Iniciacom, evento componente do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste

² Graduando do curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Letras da UPM. seiphr@uol.com.br

³ Orientador: Doutor pela Universidade de São Paulo, mestre pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, professor em regime de dedicação integral do Centro de Comunicação e Letras da UPM, onde é líder das disciplinas de Fotografia do Curso de Publicidade, Propaganda e Criação e Jornalismo, professor de Fotografia e Redação; membro do Grupo de Pesquisa Comunicação e Esporte; do Grupo de Pesquisa NAU-Núcleo Audiovisual e do Grupo de Pesquisa Linguagem, sociedade e identidade: estudos sobre a mídia. huady@mackenzie.br



O fotojornalismo é o gênero jornalístico em que o material fotográfico é o principal elemento informativo. Esse gênero pode ser idealizado artisticamente e a quantidade de informação contida nele é tão variável quanto as possibilidades tangíveis ao fotógrafo e os objetivos do mesmo.

A história do fotojornalismo é uma história de tensões e rupturas, uma história do aparecimento, superação e rompimento de rotinas e convenções profissionais, uma história de oposições entre a busca da objetividade e a assunção da subjetividade e do ponto de vista, entre o realismo e outras formas de expressão. (SOUSA, 2004, p.14)

Assim sendo, o estudo do fotojornalismo, suas características, possibilidades e limitações é de suma importância para a compreensão do jornalismo atual.

Entretanto, para compreender o presente, é fundamental visitar o passado, assim, com base nos conceitos apresentados por Boris Kossoy em *Realidades e ficções na trama* fotográfica esta pesquisa analisou cinco fotografias feitas por Jean Leopold Solari, fotógrafo francês que migrou o Brasil na década de 50.

As cinco fotografias selecionadas por Solari foram publicadas na revista *Realidade*. Veiculada de abril de 1966 a março de 1976, a revista *Realidade* foi fundada por Victor Civita e conseguiu unir em suas páginas textos elaborados, temas ousados e ensaios fotográficos memoráveis causadores de inúmeras discussões e polêmicas perante a sociedade da época. Suas matérias, em sua maioria escritas conforme os conceitos de jornalismo literário, eram feitas com um detalhamento extremo e desafiavam constantemente o Regime Militar e a censura, publicando, por exemplo, partes do diário de Che Guevara, tendências da União Nacional dos Estudantes e o racismo na sociedade norte-americana. Todos os temas eram fundamentados por fotografias, fotomontagens e ilustrações. Por esses motivos a revista é um marco no jornalismo e fotojornalismo nacional.

A importância deste artigo está contida principalmente no período em que foi realizado no qual tanto o fotógrafo, o público contemporâneo dos assuntos tratados nas fotografias quanto público atual (não contextualizado com os assuntos e fotografias selecionados), puderam interagir. Em um espaço de no máximo 10 anos, o diferente diálogo de cada um desses elementos não seria mais possível. Outro ponto importante é o fato de colocar em prática conceitos teóricos de Boris Kossoy partindo do problema de pesquisa: qual a distância do fato cotidiano selecionado pelo fotógrafo (principal



conceito da primeira realidade fotográfica de Kossoy) e dos diferentes públicos, um contemporâneo a esses fatos e outro atual, distante destes mesmos fatos?

O Conceito de Realidade

Tem-se por realidade as diferentes formas que o homem tem de se relacionar como o mundo. “Ciência, arte, filosofia e religião são quatro formas marcantes e específicas de esse relacionamento se dar” (DUARTE, 1984, p.15). Ou seja, o homem é o único ser capaz de construir diferentes realidades para um mesmo fenômeno concreto, podendo compreendê-lo de forma religiosa, científica, artística ou filosófica. “Ao contrario de um peixe, por exemplo, apenas o ser humano pode tomar um rio como um objeto de seu pensamento” (DUARTE, 1984, p.17). Somos capazes de criar explicações para os fenômenos concretos baseados em nossas diferentes vivências.

O ser humano é capaz de dispor de uma certa distância com relação ao mundo o que o torna mais compreensível e pode fazê-lo graças à linguagem.

A Consciência humana é uma consciência reflexiva porque ela pode se voltar sobre si mesma, isto é, o homem pode pensar em si próprio, tomar-se como objeto de sua reflexão. E isto é possível graças à linguagem. (DUARTE, 1984, p.18)

Sendo a fotografia uma das linguagens criadas pelo homem, pode-se entendê-la como uma representação de algo concreto que indica as possíveis interpretações dos fatos que em algum momento no tempo foram vivenciadas.

A primeira e a segunda realidade fotográfica

Toda imagem fotográfica implica em uma transposição da realidade visual do assunto escolhido em um contexto para a realidade das representações. Ou seja, toda fotografia seleciona uma parte do mundo concreto passado e passa a representá-lo no presente, esse fragmento do concreto passado pode então ser interpretado.

Partindo do presente conceito pode-se afirmar que a fotografia possui duas realidades a primeira (realidade do assunto) e a segunda (realidade do assunto representado).



Pode existir uma distância infinita entre a realidade palpável à frente da objetiva e a realidade criada ou evocada na fotografia. Tanto é possível chegar ao belo partindo do banal, feio ou, até mesmo, repugnante, como a beleza grandiosa de um pôr-do-sol pode levar a apenas um resultado medíocre. (KUBRUSLY, 1988, p.68).

Primeira realidade

A primeira realidade é o próprio passado. É a realidade do assunto selecionado, sua história particular independente da fotografia gerada a partir dele, posto que esta é posterior. É o contexto do assunto escolhido para ser fotografado.

Não se pode esquecer que o fotógrafo também faz parte do contexto que fotografa. Como já foi dito, está preso às tecnologias disponíveis a ele, ao contexto sócio-cultural e seus objetivos, o que o influencia a tomar determinadas ações em relação a aspectos técnicos fotográficos (um enquadramento adequado, por exemplo) o que modifica a forma de fotografar. Sendo assim, o fotógrafo tem o poder de recortar a realidade da maneira que melhor entender, criando uma representação da realidade única em cada fotografia.

Toda e qualquer imagem fotográfica contém em si, oculta e internamente, uma história: é a sua realidade interior, abrangente e complexa, invisível fotograficamente e inacessível fisicamente. (KOSSOY, 1999, p.36)

Segunda realidade

Está é a realidade que o assunto assume após ser representado, contido nos limites bidimensionais da imagem, indiferente do suporte no qual esta imagem se encontra gravada. Esta realidade representada pode ser analisada, e a partir desse conceito pode-se afirmar que a fotografia passa a ser um documento, referência de um passado inacessível, mas que aproxima um contexto passado do presente.

Toda a fotografia que vemos, seja o artefato fotográfico original obtido na época em que foi produzido, seja a imagem dele reproduzida sobre outro suporte ou meio [...] será sempre uma segunda realidade. O assunto representado configura o conteúdo explícito da imagem fotográfica: a face aparente e externa de uma micro-história do passado cristalizada expressivamente. (KOSSOY, 1999, p.37)



As duas realidades fotográficas estão presentes em todas as fotografias geradas. Estas fotografias (documentos) podem ser interpretadas de diversas maneiras dependendo do contexto em que se analisa. “A realidade fotográfica não corresponde (necessariamente) a verdade histórica, apenas ao registro expressivo da aparência”. (KOSSOY, 1999, p.38)

Metodologia

A metodologia desse trabalho fica melhor compreendida se dividida em quatro partes distintas, sendo as três primeiras de apuração de dados e uma comparativa.

1ª parte (Identificar a primeira realidade fotográfica):

Para iniciar essa pesquisa foi feita uma entrevista com o fotógrafo Jean Solari. Nesta ele selecionou cinco fotografias, tidas por ele como as mais significativas que obteve durante o período no qual trabalhou para a revista *Realidade* (1968 a 1973). O fotógrafo escolheu por meio de critérios subjetivos as seguintes fotografias:

- 1ª Foto de chamada da matéria: Zé do Caixão: o terror é nosso. Abril de 1969.
- 2ª Foto de chamada da matéria: Os Mutantes são demais. Junho de 1969.
- 3ª Foto central da matéria: Garimpo de scheelita. Julho de 1969.
- 4ª Foto de chamada da matéria: Quem é o homem no fundo do poço? Abril de 1971.
- 5ª Foto de página inteira no centro da matéria: Imagens de um massacre (caçador segurando a pele recém tirada de uma onça). Outubro de 1971.

O contato com o fotógrafo permitiu mapear a primeira realidade destas fotografias. Para isso, foram feitas perguntas informais com relação ao material usado pelo fotógrafo, à tecnologia disponível na época e principalmente à realidade dos assuntos retratados. Obviamente a realidade dos assuntos tratados nesse trabalho não passa da realidade assimilada pelo próprio fotógrafo e as reportagens publicadas nas matérias que acompanham as fotografias, que por sua vez são a expressão a realidade dos repórteres que as escreveram.



Segundo Solari, todas as fotografias foram feitas em película (filme fotográfico) o que naturalmente exigia uma maior precisão do fotógrafo e, por conseguinte, eram permitidos poucos erros. Também não havia tecnologia suficiente nessa época para uma fácil modificação ou retoque nas imagens, ou seja, as fotografias publicadas são o mais próximo possível das imagens produzidas, só não o são totalmente por conta de uma possível variação de cor natural de qualquer fotografia a cores como é o caso das selecionadas.

Todos esses fatores são comuns a todas as fotografias escolhidas, assim, trata-se agora dos aspectos referentes a cada fotografia separadamente, ou seja, na medida do possível, a realidade dos assuntos fotografados:

Zé do Caixão: o terror é nosso

Segundo Jean Solari, na época em que fez a fotografia, o personagem Zé do Caixão vivido por José Mojica Martins era mais reconhecido que o próprio ator. Mojica nessa época tinha 39 anos e era famoso por seus testes de elenco nos quais ele submetia os atores e principalmente as atrizes a contato com aranhas e sapos. Na época dizia-se que em seus filmes ao menos dois atores morriam. Para uns, um gênio e para outros o rei do mau gosto, Mojica era, portanto, uma figura polêmica que merecia uma reportagem na revista *Realidade*, famosa por trazer assuntos incomuns aos meios de comunicação da época.

A fotografia mostra justamente o Zé do Caixão, personagem mais representativo do estilo de Mojica, assim sendo, portanto, a melhor opção para uma fotografia de chamada.

Os Mutantes são demais

No ano da fotografia (1969), Os Mutantes já estavam se estabelecendo como um grande grupo e sua visibilidade só alentava. Era uma fase onde eles eram adorados e odiados. Comparados aos Beatles e muito criticados por isso. Eram um dos grupos mais polêmicos e por isso ganharam espaço na *Realidade*. Essa edição vendeu muito bem.



Garimpo de scheelita

Essa matéria veio mostrar o tipo de vida que levavam os garimpeiros de scheelita no Rio Grande do Norte. Um tipo de vida totalmente diferente do que se tinha nas grandes cidades, segundo Solari.

Quem é o homem no fundo do poço

Joaquim Gonçalves da Cruz de 36 anos era na época um dos um milhão e meio de trabalhadores que viviam na cidade com cerca de um salário mínimo. Essa matéria trata da vida sofrida de um pai de família que junto com a mulher tentavam educar os filhos. Todos os seus filhos tinham problemas nutricionais, e conseqüentemente de saúde. Passavam fome e todo o mês era necessário revezar a comida.

Joaquim, que sustentava a casa sozinho, tinha um sonho de dar uma vida melhor à sua família e para isso comprou a muito custo um terreno financiado em 15 anos e a uma distância considerável do centro da cidade. Com o terreno vinha o sonho de fazer uma casa e livrar-se do aluguel. A idéia de mostrar Joaquim dentro de um buraco veio quando ele revelou que para se distrair aos domingos, como forma de diversão, ia ao terreno e cavava o buraco, como disse ele mesmo: “é melhor ficar aqui cavando do que no aperto de casa” (DANTAS. pg.15)referindo-se ao seu barraco de apenas 7,5 metros quadrados.

Imagens de um massacre

Trata-se de uma das matérias mais importantes e de maior visibilidade da revista *Realidade* na qual a equipe ficou na floresta Amazônica coletando informações, entrevistas e fotografias da vida cotidiana dos caçadores por 95 dias. A matéria trata de vários tipos de caça e mostra o processo final de cada animal no mercado negro.

No caso, a foto selecionada mostra um dos caçadores de onça, que caçavam o felino com o objetivo de lhe tirar a pele para vender. A realidade dessas pessoas, principalmente os caçadores de onça, é que eles não tinham muito dinheiro e só sabiam viver disso. Foram em sua maioria homens do Baixo Xingu, Tocantins e Tapájos que começaram a ser treinados para cassar por exportadores de pele, e isso teve início por volta do ano de 1965.



Encerrada essa parte de coleta de informação para esclarecer qual seria a primeira realidade iniciou-se a segunda parte da pesquisa:

2ª parte (Identificar a segunda realidade fotográfica perante o público da época)

Tendo como objetivo mapear a segunda realidade fotográfica foram feitas 108 entrevistas com o auxílio de um questionário misto contendo perguntas quantitativas e qualitativas. Assim sendo, as respostas da parte qualitativa do questionário mantiveram a subjetividade do entrevistado perante as fotografias.

Essa fase de entrevistas foi feita com o público alvo da revista *Realidade* na época em que ainda era produzida e impressa. Com base em pesquisa e histórico da revista *Realidade* pode-se considerar esse público alvo como sendo jovem-adulto, de classe média ou superior (hoje com aproximadamente 60 anos de idade).

Foram questionados os seguintes tópicos com relação à Revista:

1- Lembra-se da revista Realidade?

Nesta primeira pergunta obteve-se o número de 35 respostas negativas e 73 positivas. Ou seja, a maioria dos entrevistados se lembra da revista.

2- Era uma revista importante?

62 pessoas responderam afirmativamente e 46 responderam negativamente.

Já com relação às fotografias, foi apresentado aos entrevistados as seguintes perguntas padrão repetidas 5 vezes (uma vez para cada fotografia selecionada).

1- Lembra da material: “**nome da matéria**” de data da matéria?

Sim Não

2- Lembra das fotos?

Sim Não

E a única pergunta qualitativa:

3- Mesmo que não lembre o que esta foto diz para você, a que assunto você acha que ela se refere?



Todas as fotografias foram mostradas aos entrevistados e, nesta fase, eles não tiveram contato com o conteúdo das matérias.

No geral, evidenciou-se que a maioria dos entrevistados não lembrava das matérias sendo que a mais lembrada foi a “Imagens de um massacre” (86 afirmaram lembrar da matéria e 22 não). Esse dado mostra que a visão de importância que o fotógrafo dá às suas fotos não é muito relevante, é e possível afirmar isso porque foi o próprio fotógrafo que as elencou com sendo as mais importantes. Obviamente esse critério de escolha feito pelo fotógrafo é subjetivo e baseado em realizações pessoais.

A visão subjetiva que a pergunta 3 proporcionou foi de grande importância, uma vez que esta pergunta lida diretamente com o conceito de segunda realidade exposto anteriormente, que tem como base a subjetividade daquele que recebe a informação em forma de imagem e inevitavelmente a interpreta.

Nesta fase nenhum entrevistado acertou qual era o assunto das fotografias. Mesmo aqueles que se lembravam das fotografias não se lembravam direito do que elas tratavam. Mais uma vez, o maior número de acertos ficou por conta da fotografia da matéria “Imagens de um massacre”.

Nesta, um número relativamente grande de candidatos que afirmaram lembrar da matéria, realmente acertaram o assunto tratado nela (86 afirmaram lembrar da matéria na pergunta quantitativa e 51 acertaram na definição da pergunta qualitativa).

3ª parte (Identificar a segunda realidade fotográfica perante o público atual)

Seguindo a metodologia proposta no projeto deste artigo, por último, foram criados dois *focus group* com o público alvo equivalente ao da revista *Realidade*, porém atual (jovens-adultos leitores da revista *Veja*, por exemplo).

No primeiro *focus group*, as fotografias foram apresentadas juntamente com as matérias as quais elas pertenciam, assim os participantes puderam saber do contexto das mesmas.

Os tópicos sugeridos para discussão foram:

- As fotografias foram feitas sob plataforma digital ou analógica?
- É possível ter havido modificações digitais nas imagens?
- As fotografias estão contextualizadas?



Neste *focus group* todos os participantes julgaram que as fotografias só poderiam ter sido feitas por câmera analógica e que não poderia haver manipulação da imagem. A compreensão da primeira realidade foi, portanto além da realidade do assunto em si, os participantes, sabendo a data de publicação das matérias, sabiam também o contexto tecnológico e tinham uma base do contexto social da época. Neste *focus group* a primeira realidade foi mais bem assimilada.

Já no segundo *focus group* os participantes não tiveram o contato com este contexto e opinaram de forma diferente. Os temas discutidos foram apresentados em forma de tópicos:

- A que ano pertencem essas imagens?
- Sobre o que cada uma delas trata?
- As fotografias foram feitas sob plataforma digital ou analógica?
- É possível ter havido modificações digitais nas imagens?

Diferente do primeiro *focus group*, os participantes não sabiam dizer se as fotografias eram digitais ou analógicas ou se havia alguma modificação digital. Todas as fotografias, com exceção da publicada na matéria “Os Mutantes são demais” ganharam um falso contexto atual, ou seja, os participantes criaram contextos atuais para todas as fotografias apresentadas, somente a que retratava personagens públicos como no caso da cantora Rita Lee foi tratada como sendo antiga.

Fez-se necessário dois *focus group*, pois, assim, a abrangência de informações com relação à segunda realidade construída pelo público atual foi maior e mais enriquecedora. Os dois *focus group* contavam cada um com 5 pessoas, todos universitários, cursando cursos diferentes. Havia estudantes de Administração, Nutrição, Sistemas de Informação, Publicidade e Psicologia. A não participação de estudantes de jornalismo foi proposital para que não houvesse risco destes influenciarem os demais com seu maior conhecimento específico na área, fato que poderia invalidar o *focus group*.



CONCLUSÃO

Tem-se, portanto quatro fatores sendo trabalhadas, quatro realidades, são elas:

1. A realidade do tema em si (na visão mais próxima possível, contando com a subjetividade de cada um dos envolvidos: fotógrafo e repórter).
2. A segunda realidade perante o público da época.
3. A segunda realidade perante o público da atual que teve contato com o contexto da imagem.
4. A segunda realidade perante o público atual que não teve contato com o contexto da imagem.

Sabe-se, como o próprio Kossoy sugere, que a primeira realidade é imutável (por se tratar do próprio passado) e nunca poderá ser representada em uma fotografia, ela é apenas uma representação iconográfica do real. Em suas palavras “A fotografia é uma máquina de criar símbolos”. (KOSSY, 1999 pg.32)

Como já foi exposto anteriormente, a segunda realidade é criada pelo observador da imagem que sempre vai tender a contextualizar a informação desta, mesmo que para isso crie informações e contextos.

Assim sendo, há várias realidades fotográficas, cada qual com sua distância distinta da primeira realidade, sendo que o fator regulador dessa distância é a quantidade de contexto que é dado para o ícone fotográfico em questão. Por exemplo: O contexto social, o contexto da tecnologia para a produção da imagem, o contexto dos envolvidos, a história de cara um dos envolvidos inclusive o fotógrafo etc.

À medida que mais contextos são apresentados, e pode-se comparar isso a um quebra-cabeças, a segunda realidade fotografia aproxima-se da primeira realidade.

REFERÊNCIAS

LIVROS

BUSSELLE, M. **Tudo sobre fotografia**. São Paulo, Círculo do Livro, 1977.

DUARTE JUNIOR, J. F. **O Que é Realidade?** 10. ed. São Paulo, Ateliê Editoria, 1984. (Coleção Primeiros Passos, 115)

KOSSOY, B. **História e Fotografia**. 2. ed. São Paulo, Ateliê Editorial, 1989.

_____. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo, Ateliê



Editorial, 1999.

KUBRUSLY, C. A. **O que é Fotografia?** 4. ed. São Paulo, Editora Brasiliense, 1988.
(Coleção Primeiros Passos, 82)

SONTAG, S. **Sobre fotografia.** São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, J. P. **Uma história crítica do fotojornalismo** ocidental. Chapecó, Argos, 2004.

REVISTAS

CHIODI, A. D. Imagens de um massacre, **Revista Realidade**, São Paulo, n. 79, p. 157 - 174, Out. 1971.

DANTAS, A. **Quem é o homem no fundo do poço?**, *Revista Realidade* São Paulo, n. 73, p. 7- 15, abr. 1971.

MULLËR, R. Disparou!, **Revista Realidade**, São Paulo, n. 52, p. 60- 69, jul. 1969.

NOGUEIRA, N. Zé do Caixão: O Terror é nosso, **Revista Realidade**, São Paulo, n. 49, p. 150-155, abr. 1969.

SOARES, D. Os Mutantes são demais, **Revista Realidade**, São Paulo, n. 51, p. 132-138, jun. 1969.

SITES

IBGE. Desenvolvido pelo Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. 2004 – 2006. Disponível em < <http://www.ibge.gov.br> > Acesso em: 25 nov. 2006.

ABI. Desenvolvido pela Associação Brasileira de Imprensa. 2005 – 2006. Disponível em < <http://www.abi.org.br> > Acesso em: 27 nov. 2006.